

Crítica à instrumentalização do homem

Criticism to instrumentalization of man

Tiago Xavier

<https://orcid.org/0000-0002-5118-2022> - E-mail: tiagobodybord@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar algumas críticas à ideia de instrumentalização do homem, que se dá a partir de uma tecnologia antropológica de reformulação das qualidades da espécie humana (antropotécnica), vista como instrumento de aprimoramento por ter o potencial de reprogramar e modificar a biologia humana. Nessa toada, destacaremos a necessidade de uma moralização da natureza humana diante do potencial desta tecnologia.

Palavras-chave: Antropotécnica. Instrumentalização. Aprimoramento-humano. Crítica.

ABSTRACT

This work intends to present some criticisms to the idea of the instrumentalization of man, which is based on an anthropological technology for the reboot of the qualities of the human species (anthropotechnics), seen as an improvement tool because it has the potential to remake and modify human biology. In this manner, we will highlight the need for a moralization of human nature in face of the potential of this technology.

Keywords: Antropotechnique. Instrumentation. Human-enhancement. Criticism.

Introdução

Ante a ideia de domesticação da besta humana, o humanismo vem perdendo credibilidade, a ponto de muitos o considerar falido; e uma vez que estamos inseridos em um novo milênio marcado por novas tecnologias, o descrédito do humanismo é estímulo para que

muitos cogitem outras possibilidades de aprimoramento humano. Diante disto, abordaremos a antropotécnica sob o escopo de aprimoramento do homem, já que este conceito pode ser entendido como a arte de aperfeiçoá-lo. Nesse sentido, algumas técnicas da biotecnologia que serão apresentadas neste trabalho, estarão ligadas ao conceito de antropotécnica, a fim de criticá-las.

Nesse ínterim, veremos o anúncio feito por Sloterdijk acerca da falência do humanismo por acreditar que o mesmo não conseguiu, com o seu projeto de domesticação do homem, domesticar a animalidade humana, abrindo espaço para uma tecnologia que passa a ser vista como opção para a domesticação da besta humana, uma vez que sempre pairou sobre a humanidade o desejo de desembrutecimento, mas acima de tudo porque o homem é influenciável. E é a partir disso que os olhos se abrem para uma tecnologia antropológica de reformulação das qualidades da espécie humana, a antropotécnica.

Em seguida, mostraremos os apontamentos feitos por Sandel acerca da técnica genética, cotada como instrumento de aprimoramento por ter o potencial de reprogramar e modificar a natureza humana, podendo, com isto, influenciar uma corrida da competitividade onde indivíduos, objetivando elevar-se acima de outros, buscarão melhoramentos genéticos para si próprios, contribuindo para a aparição de um novo *apartheid*, ou seja, os aprimorados geneticamente, e aqueles que precisarão se virar com uma biologia que se degenera mais rapidamente.

Por fim, veremos, a partir do pensamento de Habermas, algumas problemáticas relacionadas à pretensão de aperfeiçoamento humano por meio da biotecnologia, mais precisamente da técnica genética, vista como algo ameaçador para a noção de espécie humana e sua liberdade.

Falência do humanismo: horizonte aberto para a antropotécnica

Em seu trabalho intitulado *Regras para o parque humano*, o filósofo Peter Sloterdijk, já envolvido em discussões relacionadas às técnicas de seleção, manipulação e determinação das características da espécie humana, anuncia a falência do humanismo por acreditar que o mesmo falhou em seu projeto de domesticação da animalidade humana, induzido pelas reverberações de desgraças e retrocessos cometidos pelo próprio homem, e que ainda ecoam nos quatro cantos da terra, chegando a afirmar que a “arte de escrever”, inspiradora de “cartas de amor”, perdeu força, e “não porque os homens, levados por um ânimo decadente, não mais estivessem dispostos a cumprir sua tarefa literária”, mas porque ele (o humanismo) “não foi suficiente para atar os laços entre os habitantes de uma moderna sociedade de massas” (SLOTERDIJK, 2000, p. 13-14); e devido aos avanços tecnológicos, que permitiram

o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da Internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases. Essas bases, como se pode mostrar sem esforço, são decididamente pós-literárias, pós-epistolares e, conseqüentemente, pós-humanistas. [...] é apenas marginalmente que os meios literários, epistolares e humanistas servem às grandes sociedades modernas para a produção de suas sínteses políticas e culturais. A literatura de modo algum chegou ao fim por conta disso; mas diferenciou-se em uma subcultura *sui generis*¹, e os dias de sua supervalorização como portadora dos espíritos [...] estão findos (SLOTERDIJK, 2000, p. 14).

¹ Expressão em latim para “de seu próprio gênero” ou “de espécie única”. Podendo representar a ideia de unicidade, raridade e particularidade de algo ou alguma coisa. *Significado de Sui generis*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sui-generis/>. Acesso em: 15.fev.2021.

Diante de tais mudanças, novos meios de influência político-cultural, norteadores e “educadores” de massas foram erigidos e assumiram a liderança, “[...] reduzindo a uma modesta medida o esquema das amizades nascidas da escrita”. Nesse sentido, “a era do humanismo moderno como modelo de escola e de formação” termina “porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o imaginável modelo da sociedade literária” (SLOTERDIJK, 2000, p. 14-15). E uma vez que sempre pairou sobre os homens o desejo de desembrutecimento, sobretudo porque “os seres humanos são ‘influenciáveis’ e de que é portanto imperativo prover-lhes o tipo certo de influências” (SLOTERDIJK, 2000, p. 17), é mister indagar sobre o futuro da humanidade; aquele que ousar se questionar sobre esse futuro “e dos meios de humanização deseja essencialmente saber se subsiste alguma esperança de dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens” (SLOTERDIJK, 2000, p. 16). E é a partir disso que os olhos se abrem ante uma tecnologia antropológica de reformulação das qualidades da espécie humana, a antropotécnica², vista como opção para a escolha de características do homem em prol da sua domesticação, emergindo do universo imaginário e restrito para o mergulho nas necessidades de massas em se obter uma boa constituição social em prol do bem comum.

Já que os olhares estão voltados para a antropotécnica, muitos estão imergindo, lucidamente, nas discussões que a perpassam com olhares atentos para não se iludirem a ponto de encarnar um espírito entusiasta tomado de arrebatamento ante promessas de transformação evolutiva do homem, pois sabem que não demorará muito para que indivíduos venham usar a antropotécnica de forma indiscriminada, não porque eles sejam maus, mas porque desejarão fazer o bem, como nota Arthur Caplan:

Cientistas renegados ou loucos totalitários não são as pessoas mais capazes de abusar da engenharia genética. Eu e você somos – não porque sejamos maus, mas porque queremos fazer o bem. Num mundo dominado pela competição, os pais compreensivelmente vão querer dar a seus filhos todas as vantagens... A maneira mais provável pela qual a eugenia vai entrar em nossas vidas é pela porta da frente, quando pais ansiosos, submergidos na publicidade, no *marketing*, nas modas, começarem a lutar para assegurar que seus rebentos não fiquem para trás na corrida genética³.

O alerta de Caplan é um sinal para que comecemos abrir os olhos, já que vivemos em uma sociedade hedonista marcada por um vazio existencial capaz de incitar as massas a buscarem, de forma desvairada, consolo nas práticas da antropotécnica, uma vez que esta tem o potencial de reprogramar e modificar a natureza humana.

Crítica à técnica genética e o risco à liberdade humana

Em seu trabalho intitulado *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética*, Sandel mostra o caso de uma texana que, angustiada pela perda do seu animal de estimação (um gato), resolveu preencher a lacuna deixada por ele a partir da clonagem do seu animalzinho,

² Processos, métodos e técnicas que fazem com que humanos gerem humanos, tanto do ponto de vista da ontogênese (processo evolutivo acerca das alterações biológicas sofridas pelo indivíduo, desde o seu nascimento, até seu desenvolvimento final), quanto da filogênese (evolução das espécies segundo a doutrina do transformismo, estudo científico dessa evolução). No entanto, abordaremos a antropotécnica sob o escopo de aprimoramento do homem, já que este conceito pode ser entendido como a arte de aperfeiçoá-lo, tanto fisicamente quanto psiquicamente. Nesse sentido, algumas técnicas da biotecnologia que serão apresentadas aqui, estarão ligadas ao conceito de antropotécnica.

³ TIME. *What should the rules Be?* Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,95244,00.html>. Acesso em: 02.jun.2021.

após ter sido seduzida pelo anúncio publicitário de uma empresa que oferecia serviços de clonagem de gatos: “Caso ache que seu gatinho não se parece o bastante com o doador genético, nós devolveremos seu dinheiro integralmente” (SANDEL, 2013, p. 18), arcando com 50 mil dólares por um animal geneticamente idêntico. Diante deste tipo de prática, há quem pense que não há nada de errado, uma vez que a clonagem do animalzinho contribuiu para escoimar a tristeza que dilacerava a texana; e também porque estamos familiarizados com a antropotécnica, acostumados com a produção de animais geneticamente modificados que contribuem para suprir uma necessidade fisiológica elementar, a fome. Mas e quando o vazio existencial ultrapassa o desejo de se possuir um animal irracional e chega à escala do humano, a ponto de se desejar uma criança deficitária em um dos sentidos do sistema sensorial? Certamente é preocupante, pois ocorreu com um casal de surdas americanas⁴ que, considerando “a surdez um traço de identidade cultural, e não uma deficiência a ser curada” (SANDEL, 2013, p. 15), decidiu conceber uma criança surda a partir da inseminação artificial⁵ do esperma de um doador cuja família teve um histórico de cinco gerações de surdos. Esse tipo de atitude acaba incitando o desejo de uma sociedade narcísica que tende a se ensoberbecer por preferências arbitrárias. Não à toa o casal em questão optou em ter uma criança profundamente surda da orelha esquerda, e com audição apenas residual⁶, na orelha direita; quando deveriam, em primeiro lugar, olhar para a antropotécnica como uma ferramenta capaz de proporcionar a correção das desigualdades naturais, e não alimentá-las.

Se indivíduos seduzidos por sofistas modernos foram capazes de recorrer à antropotécnica com os fins supracitados, é possível imaginar que, mais tarde, muitos recorrerão a ela a fim de alimentar desejos de castas, uma vez que o homem, ao longo da história, se preocupou mais em defender valores de grupos do que propriamente valores humanos, pois tem o costume de colocar em primeiro plano a casta, o grupo dos afortunados, dos bem-aventurados, e não simplesmente o ser humano; e também porque o homem é uma figura insatisfeita com aquilo que constrói, ou mais precisamente dizendo, com a aplicação daquilo que criou, transfigurando a aplicação de acordo com o brotar de novos desejos que se manifestam no âmago de seu ser, não esgotando a aplicação dos seus artefatos à causa primeira. Não à toa que aquilo que se inicia como tentativa de tratar doenças, ou mesmo preveni-las, se transforme em instrumento arbitrário de aprimoramento, abrindo espaço para uma acirrada corrida da competitividade, que pode ser imaginada da seguinte forma: pessoas buscarão “melhoramentos genéticos para si próprias”, a fim de “erguer-se acima da norma geral” (SANDEL, 2013, p. 21) a partir de doadores de óvulos com determinadas características: altura X, ser atleta, ter QI acima da média, não ter no histórico familiar maiores problemas relacionados a enfermidades etc. (SANDEL, 2013, p. 16-17). É possível imaginar, também, que sofistas modernos despertem nas pessoas um desejo desenfreado por preferência de sexo, uma vez que existem sociedades que nutrem “uma preferência cultural profunda por meninos”, contribuindo para que o aborto em prol da eliminação de meninas se torne uma prática corriqueira a partir do momento que as determinações do sexo não surtirem os efeitos desejados, ainda que a fertilização *in vitro*⁷, acompanhada por uma técnica conhecida como *Preimplantation genetic diagnosis*⁸, sejam efi-

⁴ THE GUARDIAN. *Lesbian couple have deaf baby by choice*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2002/apr/08/davidteather>. Acesso em: 09.dez.2021.

⁵ Técnica de fecundação do óvulo (gameta feminino) sem o coito (relação sexual) com o macho, que consiste na deposição artificial do sêmen nas vias genitais da fêmea.

⁶ Capacidade de ouvir alguns sons mesmo na presença de uma perda auditiva.

⁷ Em vidro, em tubo de ensaio; fora do organismo vivo, do útero – da barriga da mãe.

⁸ Diagnóstico genético pré-implantacional, que funciona da seguinte forma: “diversos óvulos são fertilizados em uma placa de Petri (recipiente utilizado para a cultura de microorganismos). Quando atingem o estágio de oito células (ou seja, depois de apro-

cientes, já que “é possível escolher o sexo da criança antes da implantação do óvulo fertilizado no útero” (SANDEL, 2013, p. 32).

A corrida da competitividade poderá fazer surgir o mais novo *apartheid*, isto é, aqueles que tiveram acesso às tecnologias de aprimoramento; e aqueles que precisarão se virar com uma biologia que se degenera mais rapidamente, “o que levará a uma corrida sem sentido que só agravará ainda mais a situação atual” (SANDEL, 2013, p. 30) das discrepâncias de classes. Diante deste alerta, será que não necessitamos de regras para o parque humano, ou mais precisamente dizendo, será que não necessitamos de uma moralização da natureza humana frente o potencial sedutor e avassalador da antropológica, já que nos parece que o antídoto à aplicação desvairada da mesma é começarmos a deliberar o que deve e o que não deve ser permitido, uma vez que ela se apresenta de forma pragmática, se mostrando mais poderosa que qualquer orientação a base de tinta e papel, superando “todas” as seitas de alfabetização?

Implicações da técnica genética na liberdade humana

Jürgen Habermas, com uma atitude humanista, se posiciona diante das pretensões de instrumentalização humana, na tentativa de explicitar algumas implicações que a ideia de instrumentalização humana trará, a fim de expor possíveis excessos que possam estar por trás dela. Em seu livro *O Futuro da Natureza Humana*, o filósofo explora a questão da técnica genética ligada à liberdade humana, uma vez que ela pode ser utilizada para alimentar ideias autoritárias que aspiram transfigurar a natureza humana, podendo afetar, de forma significativa, a autocompreensão normativa da espécie como um todo (HABERMAS, 2004, p. 37). Esse tipo de perigo requer do filósofo uma postura crítica, abrindo portas para o debate em favor da moralização da natureza humana, e também, da conscientização de que o futuro desta natureza não pode e não deve se restringir, apenas, à roda dos especialistas, pois as barreiras normativas à intervenção da ciência na vida humana devem ser pensadas por cada um de nós (HABERMAS, 2004, p. 36), como por exemplo, a concepção de vida que está ligada diretamente à configuração genética como resultado de um processo casual da natureza, se mostrando bastante significativa para o entendimento da vida que nega toda e qualquer forma de padronização humana, principalmente aquelas que tentam transformar a própria noção de humanidade.

Objetivando o convencimento, muitas das justificativas para a tecnicização “da natureza humana, empreendidas pela biotecnologia moderna, baseiam-se em parte em uma expectativa de uma vida saudável e de uma vida mais longa” (FELDHAUS, 2005, p. 312). Essas ideias são vistas por muitos cientistas como sendo importantes por impulsionar o desenvolvimento de pesquisas que estimulam muitos a acreditarem que embora o processo de envelhecimento seja uma programação de ordem natural, pode ser diminuído significativamente, ou até mesmo anulado. Nesse sentido, a ideia de uma vida saudável e de uma vida mais longa ganha maior importância⁹. Mas será que o desejo de prolongar a existência, por meio da tecnicização humana, não interferirá na liberdade do indivíduo? A chave para esta pergunta encontra-se na pretensão de aperfeiçoamento humano por meio da biotecnologia, mais precisamente da téc-

ximadamente três dias), os embriões são testados para determinação do sexo. Os do sexo desejado são implantados; os outros são descartados” (SANDEL, 2013, p. 32). Ver também a técnica de seleção de espermatozoide MicroSort, capaz de selecionar o sexo antes mesmo da concepção. ELITE. *MicroSort gender selection overview*. Disponível em: <https://www.lowcostivf.net/microsort-gender-selection.html>. Acesso em: 20.ago.2021.

⁹ A sociologia, ao olhar para tal ideia da forma como é promovida, chega à conclusão de que “a aceitação social não deverá diminuir no futuro enquanto a tecnicização da natureza humana puder ser fundamentada pela medicina com a expectativa de uma vida mais saudável e mais longa” (HABERMAS, 2004, p. 35).

nica genética, vista como algo ameaçador para a noção de espécie humana e sua liberdade, já que a manipulação genética é uma prática que intervém em uma codificação do acaso, ou seja, em uma codificação feita pela própria natureza.

Em meio aos debates acerca da tecnicização humana, por exemplo, há um sentimento de apreensão que traz consigo a ideia de que ninguém teria o direito de escolher, manipular e decidir os genes que um determinado indivíduo terá em prol de fatores desejáveis, movidos por preferências individuais, já que o aprimoramento por meio da técnica genética afetaria a condição de igualdade entre todos que vêm ao mundo, que é justamente a conformação genética do acaso, condição de igualdade entre todos os indivíduos¹⁰. Isso não é tão difícil de compreender se tomarmos como exemplo a seguinte situação: imaginemos um casal praticante de uma determinada modalidade esportiva, o fisiculturismo, por exemplo, e que dedicou boa parte do seu tempo para este esporte sem muitas conquistas, e que agora decidiu ter um filho para que este possa seguir os seus passos, uma vez que genes podem ser tecnologicamente escolhidos com antecedência. Ao decidir recorrer à manipulação genética para a otimização de fatores desejáveis, os pais promoverão duas coisas: deslealdade ante aqueles que não sofreram intervenção genética; e interferência na liberdade de escolha¹¹, por impedir que a pessoa manipulada geneticamente se compreenda como sendo o único autor de seu projeto de vida, potencializando, desta forma, o problema das gerações (HABERMAS, 2004, p. 84-87).

O problema das gerações e as relações entre pais e filhos (que é foco da psicanálise), ocupa lugar no pensamento de Habermas e dá inestimada contribuição para a compreensão do receio que a técnica genética desperta, uma vez que os pais tendem a projetar em seus filhos suas frustrações e desejos, transformando-os, muitas vezes, naquilo que não conseguiram ser. E uma vez que genes podem ser tecnologicamente escolhidos, o problema das gerações passa a ganhar força, sendo alimentado não apenas pela doutrinação de pais, mas também pela intervenção genética, prendendo o indivíduo à intenção de terceiros, limitando sua autonomia. Essas ideias nos possibilitam inferir que quando o problema das gerações é alimentado, apenas, pela doutrinação, é possível haver libertação das suas influências por meio do processo de revisão crítica que possibilita o indivíduo voltar-se para si; mas a partir do momento que a doutrinação passa a trabalhar em conjunto com a intervenção genética, a libertação, de suas influências, torna-se impossível, já que a manipulação condiciona o indivíduo de forma irreversível, impossibilitando o libertar das decisões de terceiros por conta da alteração na programação natural, isto é, codificação do acaso: jogo, loteria natural feita pela própria natureza¹².

O receio para com a técnica genética, voltada para fins de aprimoramento, é um reflexo da urgência em se preservar a dignidade da vida humana¹³, uma vez que esta dignidade nada

¹⁰ Diante da problemática, Feldhaus entende que a intervenção genética, que aparece em sua reflexão por meio da terapia gênica, "altera o limite entre a natureza e liberdade, entre o acaso e a decisão que estão à base dos nossos critérios de valor. Quando deslocamos a fronteira entre aquilo que é naturalmente indisponível e o reino da liberdade, isso afeta a estrutura geral de nossa experiência moral; a mudança da autocompreensão ética causada pela terapia gênica, principalmente na linha de aperfeiçoamento, nos impede de enxergarmos como únicos autores de nossa própria história de vida e nascidos sob as mesmas condições" (2005, p. 313).

¹¹ Influência externa nas decisões que o indivíduo tomará para si, devendo este ser influenciado, inicialmente, pela configuração genética resultada de um processo casual da natureza, e não por uma programação antinatural (tecnicização humana) de otimização de fatores desejáveis que limitará sua autonomia às decisões de terceiros.

¹² Ao indagar acerca da ideia da programação genética ser um jogo do acaso, Lima (2007) dirá que a intervenção genética compromete este jogo, já que o indivíduo que sofre a manipulação fica preso à intenção de terceiros, prejudicando sua autonomia. Esse prejuízo também é pauta em Feldhaus, entendendo que "a pessoa programada geneticamente não poderia se compreender como única autora de sua vida e nem como nascida sob as mesmas condições" por haver nessa programação "um tipo de heterodeterminação externa, anterior à entrada na comunidade moral" (2005, p. 315).

¹³ Habermas dirá que "a vida humana também desfruta, em suas formas anônimas, de 'dignidade' e exige 'respeito'" (HABERMAS, 2004, p. 52).

mais é que a capacidade de “escolhermos” quem desejamos ser, não devendo tal escolha ser suprimida por práticas que surgem para adequá-la à ordem de um determinado indivíduo, ou mesmo grupo social, que pretende estabelecer ideias contrárias à liberdade humana.

Considerações finais

Preservar a dignidade da vida humana é estímulo para “uma autocompreensão ética da espécie, que determina se ainda podemos continuar a nos compreender como seres que agem e julgam de forma moral”, para que quando “nos faltarem razões morais que nos forcem a determinada atitude”, atentemos “aos indicadores éticos da espécie” (HABERMAS, 2004, p. 98). Isso abre “espaço para pensarmos que é chegada a hora de discutirmos novos parâmetros para a vida humana” que possam permitir “possibilidades de emancipação”, negando “qualquer forma de padronização humana, principalmente aquelas que” transfigurarem “a própria noção de humanidade” (LIMA, 2007, p. 280). Por tudo isso, o pensar filosófico se coloca, mais do que nunca, na obrigação de indagar e evidenciar as pretensões do predomínio da antropotécnica diante da natureza humana, a fim de evitar a depreciação do homem e redução a um aviltamento, pois ele não é um o objeto, já que possui dignidade, ao passo que um objeto não. Nesse sentido, devemos nos atentar ao que o filósofo Immanuel Kant falou na *Fundamentação da metafísica dos costumes*: “age de tal maneira que tomes a humanidade, tanto em tua pessoa, quanto na pessoa de qualquer outro, sempre ao mesmo tempo como fim, nunca meramente como meio”¹⁴, para que não esqueçamos de que uma pessoa é dotada de dignidade, ao passo que um objeto não, portanto, o homem não deve ser instrumentalizado.

Referências

- BRETON, D. Adeus ao corpo. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ELITE. *MicroSort gender selection overview*. Disponível em: <https://www.lowcostivf.net/microsort-gender-selection.html>. Acesso em: 20.ago.2021.
- FELDHAUS, C. O futuro da natureza humana de Jürgen Habermas: um comentário. *Revista ethic@*. v. 4, n. 4, p. 309-319, 2005.
- FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano: consequências da revolução da biotecnologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- GARREAU, J. *Radical evolution*. New York: Broadway Books, 2006.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, J. *O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HABERMAS, J.; FREITAG, B.; ROUANET, S. P. *Habermas: sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.
- HABERMAS, J.; SAVIDAN, P. *A ética da discussão e a questão da verdade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹⁴ GMS Ak 429.

- HOTTOIS, G. Humanismo, Transhumanismo, Posthumanismo. *Revista Colombiana de Bioética da Universidad El Bosque*. Bogotá, v. 8, n. 2, p. 167-192, 2013.
- JASTROW, R. *The Enchanted Loom: Mind in the Universe*. New York: Simon and Schuster, 1981.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- KASS, L. *Life, liberty, and the defense of dignity: the challenge for bioethics*. San Francisco: Encounter Books, 2002.
- LIMA, Aluísio Ferreira de. Resenha: Habermas, J. O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal? *Revista de Psicologia*. v. XI, n. 16, p. 275-281, 2007.
- PICO DELLA MIRANDOLA, G. *Oration on the dignity of man*. Chicago: Gateway Editions, 1956.
- SANDEL, Michael J. *Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011.
- SAVULESCU, J.; BOSTROM, N. *Human enhancement*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- SFEZ, Lucien. *A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SIGNIFICADOS. *Significado de sui generis*. Disponível em: <https://www.significados.com.br/sui-generis/>. Acesso em: 15.fev.2021.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger ao humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- THE GUARDIAN. *Lesbian couple have deaf baby by choice*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2002/apr/08/davidteather>. Acesso em: 09.dez.2021.
- TIME. *What should the rules Be?* Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,95244,00.html>. Acesso em: 02.jun.2021.
- WIENER, N. *Cibernética e sociedade*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- WOLFE, C. *What is posthumanism?* London: University of Minnesota Press, 2010.

Sobre o autor

Tiago Xavier

Bacharelado, Licenciatura Plena e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorando em Filosofia pela mesma instituição. Atualmente desenvolve pesquisas na ética, política e filosofia da biologia evolutiva.

Recebido em: 13.02.2022.
Aprovado em: 05.03.2022.

Received: 13.02.2022.
Approved: 05.03.2022.